

Recebido em 06/10/2025 e aprovado em 09/11/2025

WASABURO OTAKE: UMA TRAJETÓRIA A SERVIÇO DA RELAÇÃO ENTRE BRASIL E JAPÃO

Kelly Yshida¹

Resumo: Wasaburo Otake (1872-1944) nasceu no Japão e veio ao Brasil a bordo do cruzador *Almirante Barroso*, em 1889, acompanhando a circum-navegação comandada por Custódio de Mello. Ao chegar na nascente república brasileira continuou seus estudos e aprendeu português. Retornou ao Japão após a Revolta da Armada (1891-1894) e a eclosão da Guerra Sino-Japonesa (1894-1895). Posteriormente, Otake atuou na representação brasileira no Japão e elaborou dicionários bilingues de ampla circulação, tornando-se personagem de notória relevância na relação entre os dois países. Este artigo visa apresentar fontes sobre Wasaburo Otake, especialmente relacionadas ao legado entre diplomatas e intelectuais contemporâneos, a fim de contribuir com os estudos sobre sua trajetória.

Palavras-chave: Wasaburo Otake. Relação entre Brasil e Japão. Diplomacia. Imigração japonesa.

WASABURO OTAKE: A JOURNEY IN SERVICE OF THE RELATIONSHIP BETWEEN BRAZIL AND JAPAN

Abstract: Wasaburo Otake (1872-1944) was born in Japan and came to Brazil aboard the Brazilian cruiser *Almirante Barroso* in 1889, joining the circumnavigation commanded by Custódio de Mello. Upon arriving in the Brazilian Republic, he learned Portuguese and continued his studies. He returned to Japan following the Brazilian Navy Revolt (1891-1894) and the outbreak of the Sino-Japanese War (1894-1895). Otake worked in Brazilian representations in Japan and produced relevant bilingual dictionaries, becoming a prominent figure in the relationship between the two countries. This article aims to introduce documents about Wasaburo Otake and his legacy among contemporary diplomats and intellectuals, in order to contribute to the study of his career.

Keywords: Wasaburo Otake. Brazil-Japan relations. Diplomacy. Japanese immigration.

Na segunda metade do século XIX, o Japão se abria ao exterior e instigava a curiosidade de estrangeiros(as). Após um longo período de isolamento, o país iniciou uma fase de restauração, dedicando-se ao estabelecimento de um estado-nação moderno.² Nesse processo, investiu em

estratégias de adequação das instituições ao cenário internacional. Para isso, eram necessários agentes capazes de atuar nas novas relações, fossem comerciais, culturais ou diplomáticas e, nessa conjuntura, era crescente o interesse por outros países.

O nome de Wasaburo Otake é recorrente em documentações desse contexto e em estudos acadêmicos sobre as aproximações entre Brasil e Japão no início do século XX, tornando-se reconhecida a importância de suas produções e trajetória nos primeiros anos das relações oficiais entre os dois países. Essa perspectiva é reforçada por seus contemporâneos, uma vez que muito das informações que acessamos sobre sua vida são de narrativas mediadas por terceiros.

Neste artigo, temos como objetivo apresentar fontes a fim de contribuir nos estudos sobre o legado de Otake, o que justifica as longas citações. Esses documentos foram produzidos pela imprensa e por colegas de trabalho e destacam a diversidade de funções assumidas e a relevância das suas habilidades para o estabelecimento da representação brasileira no Japão.³

1. UM PERFIL PARA (THOMAS) WASABURO OTAKE

Wasaburo Otake nasceu em 1872⁴, início da Era Meiji (1868-1912), e faleceu em 1944. Quando jovem, Otake vivia em Yokohama, estudava inglês e mantinha contato com estrangeiros(as) que chegavam ao porto, servindo como intérprete (Mack, 2010, p. 48). Foi assim que, em 1889, conheceu a tripulação brasileira que fazia a volta ao mundo a bordo do cruzador Almirante Barroso, comandado por Custódio de Mello, na qual estava o príncipe D. Augusto Leopoldo, neto de D. Pedro II.

Segundo o pesquisador Edward Mack (2010, p. 48, tradução livre):

O príncipe, que era contemporâneo de Otake, simpatizou com o intérprete e sugeriu que retornasse ao Brasil com eles. Otake tomou sua extraordinária decisão de partir e, em 4 de agosto de 1889, deixou o Japão a bordo do navio.

O episódio foi marcante na trajetória do jovem japonês, não somente pelo encontro com D. Augusto, mas pelo contato com o Almirante Custódio de Mello, figura proeminente da Marinha, e pela proximidade com as instituições políticas, que contribuíram para sua atuação junto ao governo brasileiro. Da viagem, ficaram ainda amizades com outros tripulantes, como Theophilo Nolasco de Almeida (Konder, 1933, p. 5) e Antônio Júlio de Oliveira Sampaio (Sampaio, 1935).

No Brasil, passou a ser conhecido por Thomas Wasaburo Otake, embora em suas obras assinasse somente o nome e o sobrenome em japonês. De acordo com o pesquisador Masato Ninomiya (2015, p. 55), Thomas era parte de “seu nome de registro como brasileiro”. Thomas Wasaburo Otake aparece também em jornais da época, como nas listas de registros em instituições e avaliações das quais participou e que nos permitem acompanhar parte de sua formação profissional.

Em 1891 foi apresentado como “paisano” apto para matrícula na sede do Rio de Janeiro da Escola do Exército (O Brasil, 1891, p. 2). No mesmo ano, figurou na lista dos que estavam plenamente aprovados no exame final de aritmética do Liceu Literário Português, no Rio de Janeiro (Jornal do Commercio, 1891, p. 5). Desse período, consta ainda a aprovação em álgebra e geometria no Liceu do Arsenal da Marinha (Diário de Notícias, 1893, p. 1). Em 1893 recebeu a habilitação como maquinista de quarta classe de barcos a vapor do comércio, concedida no Arsenal da Marinha, com diploma assinado pelo ministro Custódio de Mello.

Para fins de exemplo, podemos observar o Decreto nº 2.208 de 1895, que trata do regulamento das Escolas de Maquinistas Navais.⁵ Nele, consta a formação dividida em curso preparatório e profissional; além da habilitação em português, aritmética, noções de geografia e história do Brasil. No decreto também era pontuada a necessidade da cidadania brasileira, situação possível por Otake estar a bordo do Almirante Barroso em 15 de novembro de 1889, data da proclamação da República (cf. Ninomiya, 2015, p. 66).

No final do século XIX, Otake havia retornado ao Japão.⁶ Em 1897, passou a integrar a legação brasileira inicialmente dirigida por Henrique Lisboa. Anos

depois, em 1938, Otake esteve entre “Arquivistas, datilógrafos e intérpretes das missões diplomáticas” do serviço brasileiro em Tóquio (Brasil, 1939). Ele trabalhou em diferentes composições da mesma, até 1942, momento em que as relações políticas entre Brasil e Japão foram afetadas pela Segunda Guerra Mundial (Brasil, 2012, p. XIX).

Cabe destacar que Otake não foi o primeiro japonês em terras brasileiras. Houve antecessores, como os náufragos do *Wakamiya Maru*, que aportaram no país em 1803.⁷ Otake tampouco foi o primeiro intérprete de japonês-português – o contato entre Portugal e Japão remete ao século XVI –, mas suas publicações e esforços foram parte importante do início da relação formal entre Brasil e Japão e do trânsito de imigrantes.⁸ Nesse sentido, suas obras foram reconhecidas como “monumentais e utilizadas por todos quantos se iniciaram na aprendizagem da língua portuguesa do Brasil” (Ninomiya, 1996, p. 247); portanto, “de crucial importância para os japoneses imigrados” (Perez, 2008, p. 219).

Em consonância com as funções profissionais e pela falta de materiais atualizados que dessem subsídio para o crescente contato entre os países, Wasaburo Otake publicou três dicionários: *Dicionário Português-Japonês* (1918), *Dicionário Japonês-Português* (1925) e *Novo Dicionário Português-Japonês* (1937).⁹ Séculos antes, traduções do japonês para o português haviam sido editadas em decorrência da relação com Portugal, com destaque para o *Vocabulario da Lingoa de Japam*, de 1603, resultante das atividades jesuíticas no Japão (cf. Perez, 2008, p. 218). A primazia de Otake foi em relação à tradução entre japonês e português brasileiro.

Moreira Guimarães, autor de *No Extremo Oriente* (1908), recebeu de Eugênio de Castro exemplares do *Dicionário Português-Japonês* (1918) e do *Dicionário Japonês-Português* (1925). A partir deles, escreveu o artigo *Um livro de Tóquio*, em 1927. Guimarães apresentava o intérprete de forma elogiosa, como alguém que prestava bons serviços à embaixada havia mais de trinta anos, destacava a originalidade do dicionário e demonstrava interesse pela língua japonesa (*nihon-go*):

Do gênero é o primeiro dicionário que aparece à luz pública. Não havia, nem aqui no Brasil, nem lá em Portugal, nenhum *Dicionário Japonês-Português*. Mas a razão é clara e está em que não existe senão um Otake, deveras apaixonado a um tempo com as belezas da língua de Gonçalves Dias e com a música interessante da língua, ainda mais interessante, de Motoori.

Acredito que todo o mundo conhece o *Nouveau Dictionnaire Japonais Français*, de Matrée e Ueda, bem como o *Petit Dictionnaire Français Japonais*, de Raguet e o *Petit Dictionnaire Japonais Français*, de Lemarchal.

Posso assegurar, porém, que nem um desses dicionários têm a significação da obra de Otake, a qual obra se torna efetivamente indispensável a brasileiros, japoneses e portugueses, uma vez que desejem portugueses, japoneses e brasileiros conhecer os dois idiomas, tão diferentes um do outro sob mais de um aspecto e sobretudo na construção da frase. Além disso, naturalmente aí se impõe a superioridade desse bom dicionário, não só debaixo do ponto de vista da estrutura dele, sólida e magnífica, senão também sob a riqueza vocabular.

Como estou contente a folhear de novo, esse livro que me veio de Tóquio!

O serviço que acaba de prestar aos japoneses no Brasil o incansável estudioso de filologia, o talentoso intérprete da Embaixada Brasileira no Japão é efetivamente notável. O serviço, porém, não é tão só aos japoneses; Otake vem preencher lacunas que eu sentia em me esforçando por não ignorar a *Nihon-go*, tão musical e curiosa, lacunas que, aliás, todos os brasileiros verificamos em querendo cada um de nós penetrar os mistérios da língua japonesa, a *Nihon-go*, flexível e de extraordinária regularidade gramatical. E mais. O notável serviço vai Otake prestá-lo, nem só a brasileiros e japoneses, também a criaturas de outras regiões.

[...]

Há de assinalar, na história das línguas, apreciável e apreciado momento o *Dicionário*, de Otake; esse dicionário é de todo o ponto importantíssimo.

Receba o meu bom amigo Otake, ilustre japonês-brasileiro – mais brasileiro que japonês pelo tempo em que serve ao Brasil – receba, por esse *Dicionário Japonês-Português*, os meus aplausos, tanto calorosos, quanto sinceros (Guimarães, 1927, p. 130-131).

A obra foi abordada com entusiasmo nos jornais, sendo enfatizada sua contribuição para a aproximação entre os países em diversas esferas. Foi o caso das “impressões de leitura” publicadas em 1926, n’*O Paiz*, que a apresentou como um “instrumento capaz de facilitar as relações intelectuais,

sociais e de interesse comercial entre os dois povos" (R. C., 1926, p. 4). O esforço de Otake chamava atenção, pois as obras eram elaboradas enquanto trabalhava para o governo brasileiro. Além de intérprete, assumia outras funções, como de representante do Brasil no casamento do príncipe Hirohito, conforme foi noticiado na mesma coluna.

Em 1927, na *Revista da Semana* do Rio de Janeiro, fotos da capa do dicionário, da parte interna e do autor em trajes ocidentais ilustravam o texto que, além dos elogios recorrentes, abordava a necessidade de valorização de Otake, reivindicação que seria retomada com maior ênfase na década seguinte:

Deve-lhe a Nação Brasileira um prêmio capaz de, hoje e ao futuro, atenuar as agruras de uma velhice cansada e paupérrima.

O labor de tantos anos não se deve pagar com o esquecimento ou a ingratidão. Porque vale este livro pelo mais eloquente dos embaixadores: se não como professor de cordialidade, pelo menos como aqueles "mestres mudos" que, no dizer de Vieira, "ensinam sem fastio" (Castro, 1927, p. 29).

Figura 1 – Matéria publicada na Revista da Semana em 19/02/1927.



Fonte: Castro, 1927, p. 29.

As aparições de Wasaburo Otake na imprensa brasileira eram esporádicas na década de 1920. O *Brasil Revista* publicou o artigo *Banquete Japonez*, que havia sido escrito em Tóquio por Manoel Pio Correa, em 1912. A celebração realizada pela empresa de imigração *Toyo Imin Kaisha* foi apresentada ao longo de mais de duas páginas. Diante da descrição do evento, Correa se dedicou ao que considerou excêntrico, como o transporte com os riquixás, as paredes de papel, as porcelanas, o tatame, as artistas.

Havia também uma fotografia de participantes da celebração em estilo japonês empunhando bandeiras do Brasil e do Japão, incluindo a do Sol Nascente, acompanhados por gueixas. Na legenda, Otake constava como funcionário da Legação do Brasil e autor do primeiro dicionário japonês-português (Figura 2).

Figura 2 – Fotografia reproduzida em *Brasil Revista*, 1926.



Fonte: Correa, 1926, p. 7.

Foi na década de 1930 que o reconhecimento do trabalho de Wasaburo Otake, então sexagenário, passou a ocupar o espaço público com maior recorrência. Seus contemporâneos demonstravam admiração, reiteravam sua importância, reivindicavam a valorização – também financeira – e, não menos, construíam uma memória sobre o “velho Otake”.

2. O “VELHO OTAKE” VISTO POR CONTEMPORÂNEOS

Na década de 1930, os artigos escritos por colegas eram majoritariamente baseados em relatos de Wasaburo Otake. O longo período de serviços para o Brasil fez dele uma figura relevante na representação diplomática onde, além de ser oficialmente intérprete, parece ter se tornado um guia fundamental para a adaptação e atuação de brasileiros(as) em uma cultura e com uma língua tão diferentes das de suas origens.

Antes de tratar propriamente dos seus dicionários, diversas narrativas enfatizaram a presença de Otake entre os(as) primeiros(as) japoneses(as) que vieram ao Brasil. Em 1933, o jornal *A Nação* apresentou um artigo sobre o início do intercâmbio nipo-brasileiro. Assinado pelo jornalista Alexandre Konder, o texto tratava de um encontro com Ryoji Noda (1875-1968) e da importância deste na propaganda do Brasil no Japão.¹⁰ Noda era funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Japão e também publicou, entre outras obras, um dicionário japonês-português (Perez, 2008, p. 220).

Noda contou para Konder sobre os primeiros japoneses no Brasil: os naufragos do *Wakamiya Maru* que aportaram em 1803 a bordo de um navio russo e os aspirantes a oficiais da marinha japonesa que, em 1870, chegaram à Bahia acompanhando uma esquadra inglesa. Antes, porém, Konder destacou o passageiro japonês trazido pelo cruzador Almirante Barroso em 1889:

Os sobreviventes da viagem da belonave brasileira ainda se recordam perfeitamente de Wasaburo Otake e dele falam frequentemente com saudades. O ilustre Almirante Theophilo Nolasco de Almeida, que muito me honra com a sua amizade, é um dos que sempre me indagam notícias acerca do curioso ex-passageiro do “Barroso”. Otake ainda vive e há mais de trinta anos que vem sendo na Embaixada do Brasil, em Tóquio, um dedicado auxiliar (Konder, 1933, p. 5).

Em 1937, o diplomata José Jobim publicou um artigo sobre Otake no *Boletim de Ariel*, um dos mais completos que encontramos. Nele, Jobim reivindicava uma “aposentadoria” pelos serviços prestados. Intitulado *O velho Otake*, o texto descrevia desde a saída do Japão a partir do convite de D. Augusto:

— Por que você não vai ao Brasil comigo?

O jovem Wasaburo Otake não tinha bem noção onde ficava o Brasil. Mas aceitou a proposta. Sua família não era rica, mas possuía recursos que lhe permitiram ir vivendo aqui pelo mesmo pelo Japão. Seu pai era um médico, mas médico *old style*; estudara com os holandeses que havia séculos negociavam em Nagasaki. E Otake partiu para o Brasil, como hóspede de Sua Alteza Imperial, a bordo do “Almirante Barroso”. Não havia nesse tempo Legação nem Consulados do Japão no Brasil. E nós também ainda não possuíamos aqui representantes do nosso Governo. Um oficial brasileiro contou ao rapazola que no Brasil trabalhava uma companhia de acrobatas japoneses. Se o plano de sua Alteza de o colocar, em chegando ao Brasil, na Escola de Maquinistas Navais, não desse certo, ele poderia ter a certeza de que ao menos um emprego de aprendiz de acrobata arranjaría (Jobim, 1937, p. 144).

A exposição feita aos leitores(as) era sobre o contexto político japonês, conforme apresentado no início deste artigo, e sobre os últimos momentos do império brasileiro. Ambos os países, por motivos distintos, passavam por mudanças políticas e sociais.

Sobre a viagem no Almirante Barroso e a demanda de saída de D. Augusto da circum-navegação brasileira, por conta da Proclamação da República¹¹, José Jobim narrou:

Despediu-se do rapazola japonês dizendo que não se preocupasse que em Marselha lhe resolveria o caso. E Wasaburo Otake continuou a viagem até Marselha. Ali Custodio de Mello recebeu uma carta do Príncipe pedindo lhe mandasse toda a bagagem para Paris. Nem uma palavra sobre o rapazola. Custodio de Mello, que adorava as aventuras, propôs-se levá-lo ao Brasil. E foi assim que entrou para a nossa Escola de Maquinistas Navais um japonês (Jobim, 1937, p. 144).

Jobim contou que Otake permaneceu na Escola de Maquinistas Navais, no Rio de Janeiro, por quatro anos, sendo um dos melhores alunos, até a Revolta da Armada, quando foi aconselhado por Custódio de Mello a sair do país. Entretanto,

fica no Brasil sem dinheiro e sem amigos. Emprega-se como caixeiro de um comerciante português. Fala e escreve muito bem o inglês. E já sabe o português. Depois vai ser praticante de piloto da marinha mercante. Percorre todo o Brasil. Sobe e desce o Guaíra, sobe e desce o Solimões (Jobim, 1937, p. 144).

Posteriormente, em 1895, foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão e, em 1897, instalou-se a legação brasileira em Tóquio. Otake foi indicado para trabalhar com o ministro Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, que permaneceu no posto até 1899. A representação brasileira foi retomada em 1901, sob comando de Oliveira Lima, que considerou Otake indispensável e o readmitiu (Brasil, 2012, p. 276). A diferença entre as línguas e a capacidade quase rara à época tornavam o intérprete sobrecarregado, como demonstrava Lima em ofício de 1902:

Traduzir toda a legislação é tarefa por certo acima das forças de um intérprete. Se alguma lei, porém, mais de perto interessar um ministério, peço-vos o favor de indicá-la, pois a mandarei traduzir pelo sr. Otake, o qual se acha justamente ocupado neste momento em verter para português algumas leis e regulamentos sobre viação que me foram pedidos pelo governo do estado de S. Paulo (Brasil, 2012, p. 352).

Portanto, era atuante quando foi debatida a vinda de trabalhadores asiáticos e a representação diplomática brasileira no Japão avaliou a viabilidade dessa ideia, anteriormente à imigração japonesa (cf. Takeuchi, 2008; Brasil, 2012; Yshida, 2020). Fora do âmbito oficial, Oliveira Lima tratava Otake por “velho amigo”, tendo escrito para o *Correio da Manhã* elogiando seus dicionários e reforçando o exaustivo trabalho do intérprete na embaixada. Considerando que o trabalho de Otake deveria ser mais valorizado, teceu críticas ao governo brasileiro:

O Brasil tem tido a felicidade de contar com servidores distintos nessa classe de funcionários estrangeiros, raramente tratados com justiça e bondade pelos seus superiores diretos ou pelo governo distante. Enquanto podem trabalhar, são os burros de carga da repartição: quando já não podem, alquebrados pela velhice ou pelas enfermidades, são atirados para o lado como inutilidades. Estas inutilidades foram, porém, verdadeiras utilidades, com muito zelo e muita dedicação ao seu ativo em alguns casos. [...] Otake é desta espécie: há mais de 30 anos que com a gravidade e a impassibilidade de sua raça cumpre as ordens dos representantes diplomáticos do Brasil no Japão, e que alguns destes não devem ser muito cômodos de aturar (Lima, 1926, p. 4).

Wasaburo Otake permaneceu em outras formações da representação brasileira no Japão. Jobim, assim como Oliveira Lima, enfatizou: “Há trinta e oito anos – trinta e oito anos, repito! – que trabalha como intérprete. Viu passarem por aqui oito diferentes ministros e seis diferentes embaixadores” (Jobim, 1937, p. 144). E salientou sua importância:

Passou a vida trabalhando com o Brasil e para o Brasil. Um intérprete numa representação no Extremo Oriente é alguma coisa mais do que um intérprete. Sem ele não há Embaixada, ou Legação ou Consulado que possa funcionar. O estrangeiro, a despeito de estupenda propagação do inglês entre os japoneses, ainda é aqui e o será ainda por muito tempo, cego, surdo e mudo. Não pode falar a língua, não pode escrevê-la, não pode lê-la. O intérprete é obrigado a fazer tudo, a saber tudo. Precisa saber repreender os criados, precisa conhecer o melhor camiseiro, precisa conhecer as minudencias do protocolo complicado, precisa saber traduzir os discursos. O velho Otake há trinta e oito anos que faz tudo isso (Jobim, 1937, p. 144).

Jobim concluiu o texto com a demanda que deveria ser resolvida pelo governo – a questão da aposentadoria:

Hoje o velho Otake está aposentado na Chancelaria. Mas continua a trabalhar. Para que ele descanse realmente bastará o Sr. José Carlos de Macedo Soares baixar um memorando regularizando sua situação na Contadoria do Itamaraty, situação que era regular quando veio a revolução de 1930 e o Sr. Afrânio de Mello Franco demitiu todos os funcionários contratados. Não tenho dúvidas de que o Sr. José Carlos de Macedo Soares fará o necessário para que o velho Otake, que poderia ser hoje Almirante no Brasil, possa viver o resto de seus dias tranquilo quanto ao seu futuro (Jobim, 1937, p. 145).

Não encontramos respostas do governo brasileiro sobre as reivindicações dos companheiros em relação a um pagamento pelo tempo de serviço do funcionário japonês. Contudo, a mobilização em torno da valorização do trabalho de Wasaburo Otake nos dá indícios da participação ímpar na estruturação e na manutenção da relação entre Brasil e Japão.

Em 1937, quando o texto de Jobim foi publicado, Otake estava prestes a lançar o terceiro dicionário, assumindo os custos da edição.

E lembre-se de que o seu último dicionário o velho Otake o faz nas horas de folga da Chancelaria. Levanta-se às 5 horas e

agarra-se ao dicionário. Recusa toda a espécie de convites para jantares. Aproveita as noites para trabalhar. Isso há dez anos. É pobre e já gastou 10.000 yen, cinquenta contos de réis, nessa obra. O Ministro do Exterior do Japão, como o Itamaraty, não lhe deu um centavo de auxílio. Não o pediu, aliás, nem o pedirá. Está isso no seu feito de homem sério, ríspido, incapaz de uma mentira, e de uma modéstia que comove (Jobim, 1937, p. 145).

O jornal carioca *Correio da Manhã* apresentou a edição no artigo *Trabalho paciente do intérprete da embaixada brasileira*, sob assinatura do correspondente internacional James A. Mills, da *Associated Press*, que circulou em outros periódicos da época.¹²

Trabalhando incessantemente durante nove anos, Wasaburo Otake, de sessenta e quatro anos de idade, intérprete oficial da embaixada brasileira em Tóquio, acabou finalmente a compilação de um volumoso dicionário português-japonês contendo 100.000 palavras portuguesas.

[...]

Seu sentimento de solidariedade para com os duzentos mil japoneses que se acham estabelecidos presentemente em terras brasileiras, e que sofrem os inconvenientes de não possuir um dicionário português-japonês, levou o sr. Otake a compilar um volumoso dicionário (Mills, 1937a, p. 6).

O esforço de Otake em relação ao Brasil era de conhecimento internacional, e sua experiência com a língua portuguesa o fez professor no Japão. Em *Reminiscências do Japão* (1939), Keisa Aida, que trabalhava para o governo japonês, citou Otake quando escreveu sobre a história da língua portuguesa no país. Aida narrou os contatos quinhentistas, a proibição do cristianismo e o consequente distanciamento. Explicava que, após a retomada desta aproximação, foi impulsionada a criação da Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio, no início do século XX, considerada relevante para o comércio e o intercâmbio intelectual (Aida, 1939, p. 189).

Doze idiomas eram ensinados na escola de línguas, em curso superior de quatro anos. Com o aumento do fluxo imigratório para o Brasil, foi aberto um curso noturno de português de dois anos e, em 1919, criado o curso regular. Ryoji Noda e Wasaburo Otake figuravam entre os professores (Aida, 1939, p. 196).

No *Novo Dicionário Português-Japonês* (1937) o embaixador Pedro Leão Veloso escreveu uma elogiosa apresentação:

Embarcando para o Brasil em 1889, espontaneamente e sem outro motivo senão a curiosidade de conhecer um país distante que falava à sua imaginação, o Sr. Otake foi o precursor, de fato, da corrente que, vinte anos depois, ia contribuir para o estabelecimento em nossa terra dos melhores agentes da amizade criada entre as duas nações. Refiro-me aos imigrantes japoneses (Veloso, 1937).

Otake foi definido como um articulador relevante da aproximação entre os países, com uma “vida inteira consagrada ao serviço do Brasil, no interesse de suas relações com o Japão” (Veloso, 1937). A trajetória do intérprete é significativa do momento vivido pelo Japão no final do século XIX, do interesse pelo exterior e do estabelecimento de novas relações, incluindo com o Brasil. Portanto, em decorrência da conjuntura dos dois países, as experiências de Otake o tornaram uma figura com habilidades importantes para as relações bilaterais.

Quando faleceu, em 1944, Wasaburo Otake tinha deixado um importante legado. Estando no Japão há muitos anos, a memória que se formava sobre ele no Brasil era mediada por contemporâneos, que se dedicaram a replicar e reiterar seus esforços, mesmo sem o destaque por parte do estado que consideravam que lhe era merecido. De todo modo, o “velho Otake” era autor de importantes dicionários, mas sua atuação foi além: ele representava a continuidade para brasileiros(as) que serviram o governo no país asiático, atuante na relação entre Brasil e Japão por quase meio século.

FONTES

AIDA, Keisa. **Reminiscências do Japão**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1939.

BRASIL. **Decreto nº 1.324**, de 5 de fevereiro de 1854. Manda observar o Regulamento para o exame dos Machinistas e vistoria das Barcas de Vapor. Rio de Janeiro, 1854. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1324-5-fevereiro-1854-589041-norma-pe.html>>. Acessado em 01 out. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 2.208**, de 30 de dezembro de 1895. Reorganiza as Escolas de Machinistas Navaes da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro, 1895. Disponível em: Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2208-30-dezembro-1895-504211-norma-pe.html>>. Acessado em 01 out. 2025.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Almanaque do pessoal – 1938**. Rio de Janeiro: Villas Boas & C., 1939.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática**. Ano 11, n. 20. Rio de Janeiro/Brasília: Centro de Documentação Diplomática/Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

CASTRO, Eugênio de. O primeiro dicionário japonês-portuguez. **Revista da Semana**. 19 de fevereiro de 1927, ano XXVIII, nº 9, p. 29.

CORREA, Manoel Pio. Banquete Japonês. **Brasil Revista**, maio de 1926, ano I, nº11, p. 7.

DIARIO DE NOTICIAS. 09 de janeiro de 1893, ano X, nº 2.736, p. 1.

GUIMARAES, Moreira. Um livro de Tóquio. **Brasiliana**, vol.10, abril de 1927, p. 129-131.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

JOBIM, José. O Velho Otake. **Boletim de Ariel**, ano VI, n. 5, fevereiro de 1937, p.144-145.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 26 e 27 de dezembro de 1891, nº 359, p. 5.

KONDER, Alexandre. Uma aventura deveras sensacional. **A Nação**. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1933, p. 5-6.

LIMA, Oliveira. No Japão. **Correio da Manhã**. 30 de abril de 1926, ano XXV, nº 9.591, p. 4.

MELLO, José Custódio de. **Vinte e um mezes ao redor do planeta**: Descrição da viagem de circum-navegação do Cruzador "Almirante Barroso". Rio de Janeiro: Cunha & Irmão Editores, 1896.

MILLS, James A. Trabalho paciente do interprete da embaixada brasileira. **Correio da Manhã**. 30 de julho de 1937a, ano XXXVII, nº 13.104, p. 6.

MILLS, James A. Nove annos de trabalho incessante. **A Noite**, 30 de julho de 1937b, ano XXVI, nº 9.147, p. 1.

O BRASIL. 12 de fevereiro de 1891, ano II, nº 256, p. 2.

R. C. Impressões de leitura. **O Paiz**. 20 de maio de 1926, ano XLII, nº 15.187, p. 4.

SAMPAIO, Antônio Júlio de Oliveira. **[Correspondência]**. Destinatário: Wasaburo Otake. Rio de Janeiro, 5 jan. 1935. Disponível na exposição do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em São Paulo.

VELOSO, Pedro Leão. Prefácio. In: OTAKE, Wasaburo. **Novo Diccionario Portuguez-Japonez**. Tokyo: 大日本印刷株式会社, 1937.

REFERÊNCIAS

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A presença dos primeiros japoneses no Brasil. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito**. Porto Alegre, 2003. p. 9-18.

MACK, Edward. Otake Wasaburo's Dictionaries and the Japanese "Colonization" of Brazil. **Dictionaries: Journal of the Dictionary Society of North America**, 2010. p. 46- 68.

NINOMIYA, Masato. O centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. In: **Revista USP**, São Paulo, mar. 1996, n. 28, p. 245-50.

NINOMIYA, Masato. Na história dos 120 anos do Tratado de Amizade Brasil-Japão, a presença de Thomas Wasaburo Otake, autor do dicionário Japonês-Português. In: **Relatório do Encontro de Colaboradores Regionais do CIATE – 2015 e Simpósio Internacional**. "Brasil e Japão: Convivência Multicultural Emergente Através de 120 Anos de Relações Diplomáticas e 30 Anos de Fenômeno Decasségui" São Paulo, 2015. p. 52-71.

PEREZ, Eliza Atsuko. Dicionários que atravessaram oceanos. **Estudos Japoneses**. São Paulo, n. 28, p. 217-230, 2008.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2008.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. A diplomacia brasileira diante da imigração japonesa (1897-1942). **Estudos Japoneses**, n. 28, 2008. p. 99-112.

YSHIDA, Kelly. **Descrevendo o Japão, escrevendo o Brasil: raça, trabalho e nação em três atos (1874; 1889; 1897)**. 2020. 301 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

NOTAS

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: kellyshida@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4348-9654>.

² Antes, o Xogunato Tokugawa (1603-1867), que governou o Japão, havia estabelecido normas de isolamento nacional. Foram decretadas proibições, como a de navios japoneses saírem dos limites do país; o cristianismo foi banido e foi vedada a entrada de estrangeiros; permitia-se somente o comércio com alguns holandeses, chineses e coreanos. Em 1868, a queda do Xogunato possibilitou o retorno do imperador ao poder, inaugurando a Era Meiji (1868-1912) (Sakurai, 2008, p. 122-132).

³ A fim de facilitar a compreensão, a grafia foi atualizada nas citações documentais.

⁴ Há referências que apontam 1871 como o ano de nascimento de Wasaburo Otake, a exemplo do artigo de José Jobim no *Boletim de Ariel* (1937).

⁵ No diploma de maquinista de quarta classe recebido por Thomas Wasaburo Otake, em 1893, a habilitação se deu nos termos do Decreto nº 1.324 de 1854. Contudo, neste documento consta a avaliação para o cargo, mas não a formação necessária.

⁶ Sobre o ano de retorno de Wasaburo Otake ao Japão, datas distintas são apresentadas pelos(as) pesquisadores(as): Edward Mack (2010) apresenta o ano de 1896; Eliza Atsuko Perez (2008), 1894; e Masato Ninomiya (2015), próximo de 1895. Para seu contemporâneo José Jobim (1937), em 1898 Otake já estava no Japão.

⁷ Trata-se dos naufragos japoneses do *Wakamiya Maru* que vieram ao Brasil a bordo do navio russo *Nadiezhda*, em 1803. Mais informações em: GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A presença dos primeiros japoneses no Brasil. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito**. Porto Alegre, 2003. p. 9-18.

⁸ Sobre a relevância dos dicionários de Wasaburo Otake no cotidiano, de acordo com Tomoo Handa (1987, p. 111) entre os(as) primeiros(as) japoneses(as) que vieram ao Brasil, antes da publicação dos dicionários de Otake, na falta de materiais, prevaleciam as anotações próprias para o aprendizado do português.

⁹ Além dos dicionários, publicou um manual de gramática (1925) e um guia bilingue de conversação (1927) (Perez, 2008, p.219).

¹⁰ Cinco anos após o primeiro artigo, em 1938, parte do texto foi publicado na *Gazeta de Notícias*.

¹¹ Custódio de Mello publicou o relato da circum-navegação a bordo do Almirante Barroso, intitulado *Vinte e um meses ao redor do planeta* (1893), em que descreveu os impasses em relação à saída de D. Augusto.

¹² Uma versão resumida do artigo foi publicada no jornal *A Noite*, também em 30 de julho de 1937. Ambas mantinham a ideia de Wasaburo Otake como o primeiro japonês em terras brasileiras, o que foi explicado anteriormente.